

O Intelectual Americano

Ralph Waldo Emerson

Citation: Ralph Waldo Emerson. “O Intelectual Americano.” Tradução de Daniela Oliveira, Vítor Rosas e Leonora Dias, revisão de Carla Morais Pires, *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 8, n.º 1, 2019, pp. 69-86. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.

Nota Introdutória

A presente tradução foi iniciada como trabalho de curso na variante de Tradução Literária do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras do Porto, realizado pelos estudantes Daniela Oliveira, Vítor Rosas e Leonora Dias. Para que o texto pudesse ser publicado faltava contudo uma cuidada revisão, que por um lado garantisse um carácter homogéneo a um texto composto por três traduções escritas por três autores e por outro lado resolvesse muitos problemas de tradução ainda em aberto, pelo que foi ficando por vários anos “na gaveta”. A responsabilidade por essa revisão acabou por ser assumida por Carla Morais Pires, uma autora com vasta e reconhecida obra de tradução, também ela antiga aluna deste mesmo curso de mestrado

Gualter Cunha

Discurso proferido perante a Sociedade Phi Beta Kappa¹ em Cambridge (Massachusetts), a 31 de agosto de 1837.

Sr. Presidente,

Meus Senhores,

Venho saudar-vos no recomeço do nosso ano literário. O nosso aniversário é de esperança e, porventura, não tanto de trabalho. Não nos encontramos para competições de força ou destreza, para a recitação de histórias, tragédias e odes, como os antigos gregos; para saraus de amor e de poesia, como os trovadores; nem para a promoção da Ciência, como os nossos contemporâneos nas capitais da Grã-Bretanha e da Europa. Até agora, o nosso dia festivo tem sido simplesmente um agradável sinal de sobrevivência do amor às Letras entre pessoas ocupadas de mais

para darem às Letras algo mais do que isso – como tal, é precioso enquanto símbolo de um instinto indestrutível. Talvez tenha já chegado o tempo em que tem de ser, e vai ser, uma outra coisa; o tempo em que o intelecto ocioso deste continente olhe por entre as suas pálpebras de ferro e preencha as expectativas adiadas do mundo com algo melhor do que o uso de aptidões mecânicas. Os nossos dias de dependência, a nossa longa aprendizagem a partir dos saberes de outras terras, aproximam-se do fim. Os milhões que ao nosso redor se precipitam para a vida não podem continuar a ser alimentados com sobras ressequidas de colheitas estrangeiras. Surgem acontecimentos, ações que devem ser louvadas e que elas próprias tratarão de louvar. Quem pode duvidar de que a poesia renascerá e tomará a dianteira numa nova era, como a estrela na Constelação Lira, que agora brilha no nosso zénite, e que virá um dia a ser, como anunciam os astrónomos, a Estrela Polar por mil anos?

Como tal, aceito o tópico que não somente o uso, mas também a natureza da nossa associação parece prescrever até hoje - o INTELECTUAL AMERICANO. Ano após ano, estamos mais próximos de ler um outro capítulo da sua biografia. Indaguemos, pois, que luz os novos dias e acontecimentos têm projetado no seu carácter e nas suas esperanças.

Trata-se de uma daquelas fábulas que, saída de uma antiguidade desconhecida, transmite uma sabedoria inesperada segundo a qual no início os Deuses dividiram o Homem em homens para que pudesse ser mais útil a si próprio; do mesmo modo que a mão, para melhor responder ao seu propósito, foi dividida em dedos.

A velha fábula cobre uma doutrina sempre nova e sublime: de que existe Um Homem – presente em todos os indivíduos apenas parcialmente, ou através de uma única capacidade; e que é preciso ter em conta a sociedade inteira para encontrar o homem inteiro. O homem não é um fazendeiro, ou um professor, ou um engenheiro: ele é todos. O homem é padre e intelectual e estadista e agricultor e soldado. No Estado social ou *dividido*, estas funções são distribuídas entre os indivíduos, com cada um a procurar fazer a sua parte do trabalho coletivo, ao mesmo tempo que cada um realiza também a sua. A fábula implica que o indivíduo, para ser dono de si próprio, tenha, por vezes, de voltar costas ao seu próprio trabalho de forma a abraçar todos os outros trabalhadores. Mas, infelizmente, esta unidade original, esta fonte de poder, foi de tal modo distribuída entre as multidões, foi tão minuciosamente subdividida e dispersada, que se derramou em gotas e não pode ser recolhida. Este é o estado da sociedade em que os seus membros foram amputados do tronco e tantos monstros ambulantes se empertigam por aí – um bom dedo, um pescoço, um estômago, um cotovelo –, mas nunca um homem.

O homem está, portanto, metamorfoseado em uma coisa, em muitas coisas. O lavrador, que é o Homem enviado ao campo para colher alimentos, raramente é animado por qualquer ideia que traduza a verdadeira dignidade do seu ofício. Vê o seu alqueire e a sua carroça, e nada mais para além disso, afundando-se no papel de lavrador em vez de fazer o papel do Homem na fazenda. O comerciante, dominado pela rotina do seu ofício, quase nunca confere mérito ao seu trabalho, sujeitando a alma aos dólares. O padre torna-se um ritual; o advogado, um código legislativo; o artífice, uma máquina; o marinheiro, uma corda do navio.

Nesta distribuição de funções, o intelectual é o intelecto delegado. Na condição perfeita, ele é o *Homem a Pensar*. Na condição degenerada, quando vítima da sociedade, tende a tornar-se um mero pensador, ou pior ainda: o papagaio do pensar de outros homens.

A teoria do seu ofício está contida nesta sua visão como Homem a Pensar. A Natureza insta-o com as suas imagens plácidas, monitórias; o passado instrui-o; o futuro convida-o. Não é, com efeito, todo o homem um estudante, e não existem todas as coisas para proveito do estudante? E, finalmente, não é o verdadeiro intelectual o único verdadeiro mestre? Porém, como dizia o velho oráculo: “Todas as coisas têm dois lados. Cuidado com o errado”. Na vida, o intelectual erra com muita frequência em relação à humanidade e perde o direito aos seus privilégios. Vejamos, então, o intelectual na sua escola e consideremo-lo em relação às principais influências que recebe.

I. Das influências sobre a mente, a primeira a ocorrer e a mais importante é a da Natureza – todos os dias, o Sol, e, após o ocaso, a noite e as suas estrelas. Os ventos sopram sempre; a relva cresce sempre. Todos os dias, homens e mulheres convivem, observam e são observados. De entre todos os homens, é ao intelectual que este espetáculo mais atrai. Tem de o avaliar na sua mente. O que é a Natureza para ele? Não há nunca um princípio, não há nunca um fim para a inexplicável continuidade desta teia de Deus, mas antes um poder circular que retorna a si mesmo. Nisso assemelha-se ao seu próprio espírito, tão inteiro, tão imenso, que não consegue achar-lhe começo nem fim. Lá até onde os seus esplendores brilham, sistema atrás de sistema, a brotar como se fossem raios, para cima, para baixo, sem um centro, sem uma circunferência – na massa e na partícula, a Natureza apressa-se a prestar contas de si à mente. A classificação inicia-se. Para a mente jovem, tudo é individual, existe por si mesmo. Aos poucos, descobre como juntar duas coisas e nelas enxergar uma única natureza; depois três, depois, três mil. E então, tiranizada pelo seu próprio instinto unificador, continua a interligar as coisas, reduzindo anomalias, descobrindo

raízes que correm sob o solo, em que o oposto e o remoto convergem e florescem do mesmo caule. A mente depressa aprende que desde o início da História tem havido uma constante acumulação e classificação de factos. Mas o que é a classificação senão a percepção de que estes objetos não são caóticos, tampouco estranhos, e, sim, possuem uma lei que é também uma lei da mente humana? O astrónomo descobre que a Geometria, uma abstração pura da mente humana, é a medida do movimento planetário. O químico descobre proporções e um método inteligível por toda a matéria; e a Ciência mais não é do que o descobrir de analogias, identidades, nas partes mais remotas. A alma ambiciosa põe-se diante de cada facto refratário e vai reduzindo, à sua classe e à sua lei, as constituições estranhas, os novos poderes, continuando indefinidamente a desafiar, por intermédio do conhecimento, o último filamento de organização, os limites da Natureza.

Assim, a ele, a este rapaz-estudante sob a abóbada curva do dia, é lembrado que um e outro procedem de uma única raiz: um é folha e o outro é flor; relação, simpatia, agitando-se em todas as veias. E o que é essa Raiz? Não é a alma da sua alma? Um pensamento demasiado ousado, um sonho demasiado selvagem. Todavia, quando esta luz espiritual tiver revelado a lei de naturezas mais terrenas, quando ele tiver aprendido a venerar a alma e a ver que a filosofia natural que agora existe é tão-somente o primeiro tateio da sua mão gigantesca, então vai ambicionar um conhecimento sempre crescente como sendo um criador em formação. Vai ver que a Natureza é o outro lado da alma, correspondendo-lhe ponto por ponto: uma é o sinete, e a outra a impressão. A sua beleza é a beleza da sua própria mente. As suas leis são as leis da sua própria mente. A Natureza torna-se então, para ele, a medida dos seus êxitos. É tanto ignorante da Natureza, quanto não é ainda senhor de sua própria mente. E, em suma, o antigo preceito “Conhece-te a ti mesmo”, e o atual, “Estuda a Natureza”, tornam-se finalmente uma máxima.

II. A próxima grande influência na mente do intelectual é o espírito do Passado – seja qual for a forma, literatura, arte ou instituições, em que esse espírito se encontre gravado. Os livros são o melhor tipo de influência do passado e talvez cheguemos à verdade, talvez aprendamos de forma mais conveniente o significado dessa influência ao considerarmos apenas o seu valor.

A teoria dos livros é nobre. O intelectual dos primórdios acolheu em si o mundo ao seu redor, refletiu sobre ele, deu-lhe o novo arranjo da sua própria mente e voltou a enunciá-lo. Chegou a ele como vida; saiu dele como verdade. Chegou a ele como ações transitórias; saiu dele como pensamentos imortais. Chegou a ele como negócio; saiu dele como poesia. Era facto inerte, agora é pensamento vivo. Pode permanecer e

pode partir; ora perdura, ora voa, ora inspira. É precisamente em proporção à profundidade da mente de que emergiu que se mede a altura a que voa e por quanto tempo canta.

Ou, poderei dizer, depende de quão longe foi o processo de transmutar a vida em verdade. A pureza e imperecibilidade de um produto serão proporcionais à plenitude da destilação. Mas nenhum é completamente perfeito. Assim como bomba de ar alguma pode, por quaisquer meios, criar um vácuo perfeito, artista algum pode excluir inteiramente o convencional, o local, o perecível do seu livro, ou escrever um livro de pensamento puro que seja tão eficiente, em todos os aspetos, tanto para uma posteridade remota como para os seus contemporâneos, ou antes, para a época seguinte. Cada época, verifica-se, deve escrever os seus próprios livros, ou antes, cada geração para a que a sucede. Livros de um período mais antigo não servirão este propósito.

Daqui resulta, contudo, um grave dano. O carácter sagrado ligado ao ato da criação – ao ato de pensar – é transferido para o registo. O poeta que cantava era tomado por um homem divino; como consequência, os cânticos passam a ser também divinos. O escritor era um espírito justo e sábio; como consequência, estabelece-se que o livro é perfeito; do mesmo modo que o amor ao herói é adulterado no culto da sua estátua. O livro torna-se de imediato nocivo: o guia é um tirano. A mente preguiçosa e perversa da multidão, lenta a abrir-se às incursões da Razão, tendo outrora sido tão aberta, tendo outrora recebido o livro em questão, torna-se sua defensora e protesta caso ele seja denegrido. Universidades são construídas sobre ele. Livros sobre ele são escritos por pensadores, não pelo Homem a Pensar. Por homens de talento, isto é, que começam de forma errada, que partem de dogmas aceites, não da sua própria visão de princípios. Jovens submissos crescem em bibliotecas, acreditando ser seu dever aceitar as visões apresentadas por Cícero, Locke, Bacon, esquecidos de que Cícero, Locke e Bacon eram apenas jovens em bibliotecas quando escreveram esses livros.

Daí, em vez de o Homem a Pensar, temos o rato de biblioteca. Daí a classe livresca, que valoriza os livros enquanto tais; não na sua relação com a Natureza e a constituição humana, mas como se fossem uma espécie de Terceiro Estado com a alma e o mundo – daí os restauradores de textos, os emendadores, os bibliomaníacos de todos os tipos.

Os livros são a melhor das coisas quando bem usados, e contam-se entre as piores quando mal usados. Qual é o uso correto? Qual é a única finalidade que serve todos os meios? De nada valem se não for para inspirar. Preferiria nunca ver um livro a

ser corrompido pela sua atração e arrancado da minha própria órbita, tornando-me um satélite em vez de um sistema. A única coisa de valor no mundo é a alma viva. Todo o homem tem direito a ela, todo o homem a traz em si, embora, na maior parte deles se encontre obstruída e, ainda por nascer. A alma viva vê a verdade absoluta; e profere essa verdade, ou cria-a. Nesta ação, é genial; não é o privilégio de um qualquer favorito, mas a condição sólida de todos os homens. Na sua essência, é progressiva. Os livros, as Universidades, as escolas de arte, as instituições de todo o género, detêm-se ante uma qualquer enunciação anterior genial. Isto é bom, dizem, agarremo-nos a isto. Paralisam-me. Olham para trás e não para diante. Mas o génio olha adiante: os olhos do homem estão à frente, não na nuca: o homem anseia, o génio cria. Quaisquer que possam ser os talentos, se o homem não cria, o efluxo puro da Divindade não é seu: pode haver cinzas e fumo, mas ainda não há chama. Existem atitudes criativas, existem ações criativas e palavras criativas; isto é, atitudes, ações e palavras que não são indicativas de costume ou autoridade, mas que brotam de forma espontânea segundo o que a mente toma como bom e justo.

Por outro lado, se em vez de ser o seu próprio oráculo a receber a verdade de uma outra mente, ainda que esteja sob torrentes de luz, sem períodos de isolamento, análise e autorrecuperação, é-lhe prestado um desserviço fatal. O génio é sempre suficientemente inimigo do génio quando há excesso de influência. A literatura de cada nação testemunha a meu favor. Os poetas dramáticos ingleses andam a shakespearizar há duzentos anos.

Há, sem dúvida, uma maneira correta de ler que a torna rigorosamente subordinada. O Homem a Pensar não deve deixar-se subjugar pelos seus instrumentos. Os livros são para as horas de lazer do intelectual. Podendo ler Deus diretamente, o tempo é demasiado precioso para ser desperdiçado nas transcrições que outros homens fazem das suas leituras. Mas quando surgem os intervalos de escuridão, como tem sempre de acontecer – quando o Sol se esconde e as estrelas retiram o seu brilho – recorreremos às lâmpadas que foram acesas pelos seus raios para que guiem novamente os nossos passos em direção a Oriente, que é onde está a aurora. Escutamos para que possamos falar. O provérbio árabe diz: “Uma figueira, ao olhar para uma figueira, torna-se fecunda”.

É notável o prazer que retiramos dos melhores livros. Impressionam-nos com a convicção de que uma Natureza os escreveu e a mesma os lê. Lemos os versos de um dos grandes poetas ingleses, de Chaucer, de Marvell, de Dryden, com a alegria mais atual – isto é, com um prazer em grande parte causado por todo o tempo ser abstraído dos seus versos. Há um certo deslumbramento, combinado com a alegria da

nossa surpresa, quando o poeta, que viveu num determinado mundo passado, há duzentos ou trezentos anos, diz algo que está próximo da minha própria alma, o mesmo que eu também quase pensei e disse. Não fora pelas provas assim proporcionadas à doutrina filosófica da identidade de todas as mentes e poderíamos pressupor alguma harmonia preestabelecida, alguma presciência de almas que viriam a existir e algum aprovisionamento para as suas futuras necessidades, como o facto observado em insetos que, antes da sua morte, deixam comida para as jovens larvas que nunca irão conhecer.

Não serei levado por nenhum amor de sistema, por nenhum exagero de instintos, a subestimar o Livro. Todos sabemos que tal como o corpo humano pode ser nutrido com qualquer alimento, mesmo que seja erva cozida e caldo de solas, também a mente humana pode ser alimentada por qualquer conhecimento. Existiram homens heroicos e grandiosos que não tiveram praticamente nenhuma outra informação senão a da página impressa. Diria apenas que é necessária uma mentalidade forte para tolerar essa dieta. Tem de se ser um inventor para ler bem. Como diz o provérbio, “Quem quer levar para casa a riqueza das Índias, deve trazer consigo a riqueza das Índias.” Há então leitura criativa assim como escrita criativa. Quando a mente é fortificada por trabalho e invenção, a página de qualquer livro que se leia ilumina-se com alusões múltiplas. Cada frase é duplamente significativa e o sentido do nosso autor é tão abrangente como o mundo. Vemos então, o que é sempre verdade, que tal como a hora profética do adivinho é breve e rara entre longos dias e meses, também o é o seu registo, possivelmente a mais pequena parte do seu volume. O indivíduo perspicaz irá ler, no seu Platão ou Shakespeare, apenas essa pequena parte – apenas as enunciações autênticas do oráculo – rejeitando todo o resto, mesmo sendo outro tanto de Platão e de Shakespeare.

Claro que há um quinhão de leitura absolutamente indispensável a um erudito. Deve aprender História e ciências exatas através de uma leitura laboriosa. As universidades têm, de igual modo, a sua tarefa indispensável – ensinar os elementos. Mas apenas nos podem servir bem quando procuram não inculcar mas criar; quando de longe captam cada raio de vários génios para os seus hospitaleiros salões, concentrando-os em fogos que incendeiam os corações dos seus jovens. Aparato e pretensão de nada valem no que toca ao pensamento e ao conhecimento. Togas e fundações pecuniárias, ainda que de cidades de ouro, não podem nunca contrabalançar a mais pequena frase ou sílaba de inteligência. Esqueçamos isto e as escolas americanas irão regredir na sua importância pública, ainda que enriqueçam ano após ano.

III. Corre no mundo uma ideia de que o intelectual deve ser um recluso, um valetudinário – tão inadaptado para qualquer trabalho manual ou tarefa pública como um canivete em vez de um machado. Os denominados “homens práticos” escarnecem de homens contemplativos, como se, porque especulam ou *veem*, não soubessem fazer nada. Ouvi dizer que os clérigos – que são sempre, mais universalmente do que qualquer outra classe, os intelectuais do seu tempo – são tratados como mulheres; que não ouvem a conversa rude, espontânea dos homens, mas apenas um discurso afetado e diluído. São com frequência praticamente privados de direitos de cidadania e até há quem advogue o seu celibato. Se é verdade que isto é afirmado acerca das classes estudiosas, não é justo nem sensato. A ação tem caráter subordinado para o intelectual, contudo é essencial. Sem ela, ele não é ainda um homem. Sem ela, o pensamento nunca poderá amadurecer e chegar à verdade. Enquanto o mundo flutua perante os olhos como uma nuvem de beleza, nós nem sequer conseguimos ver a sua beleza. A inação é cobardia, mas não pode haver intelectual sem mente heroica. O preâmbulo do pensamento, a transição através do qual passa do inconsciente para o consciente, é ação. Apenas conheço o que vivi. Distinguimos de imediato palavras carregadas de vida das que não o estão.

O mundo – esta sombra da alma, ou o *outro eu* – estende-se amplamente em redor. As suas atrações são as chaves que abrem os meus pensamentos e fazem com que me conheça a mim próprio. Ansiosamente, apresso-me a entrar neste tumulto ressoante. Agarro as mãos dos que estão ao meu lado e tomo o meu lugar na roda do sofrer e do trabalhar, ditando-me o instinto que assim o mudo abismo falará. Penetro a sua ordem; dissipo o seu medo; arrumo-o dentro do circuito da minha vida em expansão. O quanto da vida conheço e por experiência, é o que da natureza em estado selvagem desbravei e cultivei, ou até onde estendi o meu ser, o meu domínio. Não vejo como pode homem algum, para bem dos nervos e do descanso, dispensar qualquer ação na qual pode tomar parte. São pérolas e rubis para o seu discurso. Labuta, calamidade, exaspero, privação, são instrutores na eloquência e na sabedoria. O verdadeiro intelectual ressentido cada oportunidade de ação desperdiçada como uma perda de poder. É a matéria prima a partir da qual o intelecto molda os seus esplêndidos produtos. É um processo estranho também este pelo qual a experiência é convertida em pensamento, tal como uma folha de amoreira é convertida em cetim. A manufatura avança continuamente.

As ações e acontecimentos da nossa infância e da nossa juventude são agora assuntos da mais calma observação. Pairam como belas imagens no ar. Não acontece o mesmo com as nossas ações mais recentes – com os assuntos que temos em mãos.

Nisto somos realmente incapazes de especular. Os nossos afetos por enquanto circulam por ele. Não o sentimos ou conhecemos mais do que sentimos os pés, ou as mãos, ou o cérebro do nosso corpo. A nova ação é ainda uma parte da vida – permanece por algum tempo imersa na nossa vida inconsciente. Numa qualquer hora contemplativa separar-se-á da vida como um fruto maduro para se tornar um pensamento da mente. É instantaneamente elevado, transfigurado; o corruptível vestiu-se de incorrupção. Daqui para a frente, é um objeto de beleza, não importa quão vulgar seja a sua origem e vizinhança. Observe-se igualmente a impossibilidade de antecipar este ato. No seu estado de larva não pode voar, não pode brilhar, é uma larva enfadonha. Mas, de repente, sem se dar por isso, a mesma coisa desenrola belas asas e torna-se um anjo de sabedoria. Por isso, não há facto nem acontecimento, na nossa história privada, que não venha mais cedo ou mais tarde a perder a sua forma viscosa e inerte, surpreendendo-nos ao elevar-se do nosso corpo para o empíreo. Berço e infância, escola e recreio, o medo de rapazes e cães e palmatórias, o amor de pequenas donzelas e bagas e muitos outros factos que outrora enchiam o céu por inteiro, já passaram; amigo e familiar, vocação e partido, cidade e campo, nação e mundo, devem também elevar-se e cantar.

Claro que aquele que avançou com toda a sua força em ações justas tem o maior retorno de sabedoria. Não me vou excluir deste globo de ação e transplantar um carvalho para um vaso, ali o deixando a passar fome e a definhar; nem confiar no rendimento de uma qualquer simples aptidão e esgotar uma veia de pensamento, um pouco como esses saboianos que, ganhando a vida a esculpir pastores, pastoras e holandeses a fumar, por toda a Europa, foram certo dia à montanha para encontrar matéria-prima e descobriram que haviam abatido o último dos seus pinheiros. Temos autores, em grande número, que esgotaram a sua veia e que movidos por uma prudência louvável zarpam para a Grécia ou Palestina, seguem o caçador até à pradaria, ou vagueiam por Argel, para reabastecer as suas reservas comerciáveis.

Ainda que seja apenas por um vocabulário, o intelectual deve estar ávido de ação. A vida é o nosso dicionário. Os anos são bem gastos nos trabalhos do campo; na cidade; a adquirir conhecimentos no comércio e na manufatura; no franco relacionamento com muitos homens e mulheres; na ciência; na arte; com a única finalidade de dominar em todos esses factos uma linguagem que ilustre e incorpore as nossas percepções. Através da pobreza ou do esplendor do discurso de qualquer orador fico imediatamente a saber o quanto ele já viveu. A vida estende-se atrás de nós como a pedreira de onde retiramos lajes e pedras de cumeeira para a alvenaria dos nossos

dias. Esta é a forma de aprender gramática. As escolas e os livros apenas copiam a linguagem que o campo e a oficina fizeram.

Mas o valor final da ação, como o dos livros e melhor do que os livros, é de ser um recurso. Esse grande princípio da Ondulação na Natureza que se revela na inspiração e expiração; no desejo e na saciedade; no fluxo e refluxo do mar; no dia e na noite; no calor e no frio; e, ainda e mais profundamente entranhado em cada átomo e em cada fluido, que dá pelo nome de Polaridade – estes “ajustes de fácil transmissão e reflexão,” como lhes chamava Newton, são a lei da Natureza porque são a lei do espírito.

A mente ora pensa, ora atua; e cada ajuste reproduz o outro. Quando o artista esgota os seus materiais, quando a fantasia deixa de pintar, quando os pensamentos já não são apreendidos e os livros se tornam um enfado – ele tem sempre a capacidade *de viver*. O carácter está acima do intelecto. Pensar é a função. Viver é o funcionário. O curso de água retira-se para a fonte. Uma grande alma será forte para viver, tal como será forte para pensar. Falta-lhe órgão ou meio para transmitir as suas verdades? Pode ainda retirar-se para esta força elementar de as viver. Isto é um ato total. Pensar é um ato parcial. Deixai que a grandeza da justiça brilhe nos seus afazeres. Deixai que a beleza da afeição alegre o seu teto humilde. Aqueles “longe da fama,” que vivem e atuam com ele, irão sentir a força da sua constituição nas ações e ocorrências do dia melhor do que pode ser avaliado por qualquer exibição pública e intencional. O tempo ensinar-lhe-á que o intelectual não perde hora alguma que o homem viva. Nisto ele revela o germe sagrado do seu instinto, protegido de influências. O que é perdido em conveniência é ganho em força. Não é saído daqueles em quem os sistemas de educação esgotaram a sua cultura que surge o gigante prestável, pronto a destruir o velho ou a construir o novo; é antes da Natureza selvagem em estado puro, de Druidas terríveis e Berserkers² que saem, por fim, Alfredo e Shakespeare.

Ouçõ, portanto, com alegria seja o que for que começa a dizer-se sobre a dignidade e a necessidade do trabalho para cada cidadão. Ainda há virtude na sachola e na pá, tanto para mãos instruídas como não instruídas. E o trabalho é bem-vindo em qualquer lado; a todo o tempo somos convidados a trabalhar; seja observada apenas esta limitação, que um homem não deva, em nome de uma atividade mais abrangente, sacrificar opinião alguma aos julgamentos e modos de ação populares.

Já falei da educação do intelectual através da natureza, dos livros e da ação. Resta dizer algo acerca dos seus deveres.

São os apropriados ao Homem a Pensar e podem ser todos incluídos na autoconfiança. O dever do intelectual é encorajar, educar e guiar os homens

mostrando-lhes os factos por entre as aparências. Ele exerce com afinco a depreciada, morosa e não remunerada tarefa da observação. Flamsteed e Herschel, nos seus observatórios envidraçados, podem catalogar as estrelas com o louvor de todos os homens, e sendo os resultados esplêndidos e úteis, a honra é uma certeza. Mas aquele que, no seu observatório privado, cataloga as estrelas obscuras e nebulosas da mente humana, que ainda nenhum homem pensou como tal – atento durante dias e meses, por vezes apenas a uns quantos factos, corrigindo os seus velhos registos –, deve renunciar à exposição e à fama imediata. No longo período da sua preparação há de revelar muitas vezes uma ignorância e falta de jeito para as artes populares, incorrendo no menosprezo dos habilidosos que o põem de lado. Por muito tempo há de gaguejar no seu discurso; muitas vezes abdicando dos vivos em favor dos mortos. Pior ainda, deve aceitar – quantas vezes! – a pobreza e a solidão. Em vez do conforto e prazer de trilhar a velha estrada, aceitando os costumes, a educação, a religião da sociedade, aceita a cruz de traçar o seu próprio caminho e, claro, a autoacusação, a falta de coragem, a frequente incerteza e perda de tempo, que são as urtigas e as videiras emaranhadas no caminho dos que confiam em si mesmos e a si mesmos se comandam; e o estado de potencial hostilidade com que parece fazer frente à sociedade e, especialmente, à sociedade instruída. Qual é a compensação por toda esta perda e menosprezo? É esperado que encontre consolo no exercício das funções mais elevadas da natureza humana. É ele quem se coloca acima de considerações privadas e respira e vive de pensamentos públicos e ilustres. Ele é o olho do mundo. Ele é o coração do mundo. É esperado que resista à prosperidade vulgar que retorna sempre ao barbarismo, preservando e comunicando sentimentos heroicos, biografias nobres, versos melódicos e as conclusões da História. Quaisquer oráculos que o coração humano, em todas as emergências, em todas as horas solenes, proferiu como seu comentário sobre o mundo das ações – estes ele irá receber e transmitir. E qualquer novo veredicto que a Razão, do seu lugar inviolável, pronuncie sobre os homens e os acontecimentos de hoje – isto irá ele ouvir e promulgar.

Sendo estas as suas funções, fica-lhe bem sentir toda a confiança em si mesmo e nunca se submeter ao pregão popular. Ele, e tão-somente ele, conhece o mundo. O mundo, em qualquer momento, não passa de uma aparência. Uma qualquer alta formalidade, um qualquer fetiche de um governo, um qualquer negócio efêmero, ou guerra, ou homem, é louvado por metade da humanidade e depreciado pela outra metade, como se tudo dependesse destes particulares altos ou baixos. O mais provável é que toda a questão não valha o mais ínfimo pensamento que o intelectual gastou ao prestar atenção à controvérsia. Que ele não desista da sua convicção de que o estalido

de uma espingarda de brincar é o estalido de uma espingarda de brincar, ainda que os anciões e ilustres da terra afirmem tratar-se do estrondo do Juízo Final. Em silêncio, em serenidade, em extrema abstração, deixemo-lo entregue a si mesmo; acrescentando observação à observação, suportando o desprezo, suportando a censura; e aguardando o seu momento – feliz o suficiente, se conseguir convencer-se a si próprio de que nesse dia viu verdadeiramente alguma coisa. O sucesso segue as pisadas dos passos bem dados. Pois é seguro o instinto que o leva a dizer ao seu irmão o que pensa. Descobre então que, ao mergulhar nos segredos da sua própria mente, penetrou nos segredos de todas as mentes. Descobre que aquele que domina qualquer lei nos seus pensamentos privados é, a esse respeito, mestre de todos os homens cuja língua ele fala e de todos para cuja língua a sua própria pode ser traduzida. O poeta, recordando em absoluta solidão os seus pensamentos espontâneos e registando-os, registou afinal aquilo que os homens nas cidades sobrepovoadas descobrem ser também verdadeiro para eles. O orador desconfia, no início, da adequação das suas sinceras confissões, da falta de conhecimento acerca das pessoas a quem se dirige, até que descobre ser o complemento dos seus ouvintes – que bebem as suas palavras por satisfazerem para eles a sua própria natureza; quanto mais fundo mergulha no seu pressentimento mais íntimo, mais secreto, descobre, para seu espanto, que este é o mais aceitável, mais comum e universalmente verdadeiro. As pessoas deleitam-se com isso; o melhor do que há em cada homem sente: isto é a minha música; isto sou eu mesmo.

Na autoconfiança estão compreendidas todas as virtudes. Livre deve ser o intelectual, livre e valente. Livre até onde chega a definição de liberdade, “sem qualquer impedimento que não provenha da sua própria constituição.” Valente, porque o medo é algo que um intelectual, pela sua própria função, põe para trás das costas. O medo advém sempre da ignorância. É uma vergonha para si se, em tempos perigosos, a sua tranquilidade surgir da presunção de que, assim como as crianças e as mulheres, também ele é uma classe protegida; ou se procurar uma paz temporária afastando os seus pensamentos da política ou de questões controversas, enterrando a cabeça nos arbustos floridos como uma avestruz, espreitando nos microscópios e burilando rimas, tal como um rapaz a assobiar para ganhar coragem. O perigo continua a ser perigo; o medo piora. Como um homem, deve voltar-se para ele e encará-lo. Que o olhe nos olhos e lhe perscrute a natureza, lhe examine a origem – que veja a parição desse leão –, que remonta não muito atrás; então encontrará em si mesmo uma perfeita compreensão da sua natureza e extensão; terá feito as suas mãos encontrarem-se do outro lado; e, doravante, pode desafiar esse perigo e prosseguir

com superioridade. O mundo é de quem consegue ver através da sua presunção. Seja qual for a surdez, seja qual for o cego costume, seja qual for o erro sobredimensionado que observais, existe apenas pela resignação – pela vossa resignação. Vede-o como uma mentira e já lhe tereis desferido o golpe mortal.

Sim, somos os intimidados – nós, os descrentes. É perversa a noção de que chegámos tarde à natureza; de que o mundo estava há muito acabado. Como o mundo foi maleável e fluido nas mãos de Deus, sê-lo-á também sempre para tantos dos seus atributos quantos queiramos considerar. Para a ignorância e o pecado, é pederneira. Ambos se adaptam ao mundo como podem; mas na medida em que um homem tem em si algo de divino, o firmamento flui à sua frente e adquire o seu selo e a sua forma. Não é grandioso aquele que pode alterar a matéria, mas aquele que pode alterar o meu estado de espírito. São os reis do mundo os que dão a cor do seu presente pensamento a toda a natureza e a toda a arte, e convencem os homens através da alegre serenidade de como conduzem a questão, que esta coisa que eles fazem é a maçã que as eras desejaram colher, agora, por fim, madura, e a convidar as nações para a colheita. O homem grandioso faz feitos grandiosos. Onde quer que Macdonald se sente, aí é a cabeceira da mesa. Lineu faz da botânica a mais atraente das áreas de estudo, e conquista-a ao agricultor e à herborista; Davy, a química; e Cuvier, o estudo dos fósseis. A vitória é sempre daquele que para ela trabalha com serenidade e com grandes objetivos. As instáveis apreciações dos homens confluem naquele cuja mente é preenchida com uma verdade, tal como as ondas amontoadas do Atlântico seguem a Lua.

Para essa autoconfiança, a razão é mais profunda do que aquilo que pode ser sondado – mais obscura do que aquilo que pode ser esclarecido. Posso não conquistar o sentimento do meu auditório ao expressar a minha própria convicção. Porém, já demonstrei o fundamento da minha esperança ao defender a doutrina de que o homem é uno. Acredito que o homem foi enganado; enganou-se a si próprio. Quase perdeu a luz que pode guiá-lo de volta às suas prerrogativas. Os homens perderam importância. Os homens na história, os homens no mundo de hoje, são insetos, são ninhadas e são chamados “a massa” e o “rebanho”. Num século, num milénio, há um ou dois homens, ou seja, uma ou duas aproximações à condição certa de todos os homens. Todos os restantes veem no herói ou no poeta o seu próprio ser verde e imaturo – amadurecido; sim, e ficam contentes por serem menores para que aquele possa atingir a sua plena estatura. Que testemunho, pleno de grandiosidade, pleno de piedade, é atestado às exigências da sua própria natureza pelo pobre membro do clã, pelo pobre partidário, que exulta com a glória do seu chefe. Os pobres e os humildes encontram alguma

compensação na sua imensa capacidade moral para a aceitação de uma inferioridade social e política. Ficam satisfeitos ao serem enxotados, como moscas, do caminho de uma grande personalidade, para que ela faça justiça àquela natureza comum, que é o desejo mais acarinhado de todos ver engrandecida e glorificada. Banham-se na luz do homem grandioso e sentem-na como sendo o seu próprio elemento. Projetam a dignidade humana dos seus seres espezinhados sobre os ombros de um herói, e darão a vida para adicionar mais uma gota de sangue que fará aquele grande coração bater, que fará aqueles gigantescos nervos combater e conquistar. Ele vive para nós e nós vivemos nele.

Os homens, tal como são, procuram muito naturalmente dinheiro ou poder; e poder porque é tão bom como o dinheiro, os chamados “benefícios do ofício”. E por que não, visto que aspiram ao máximo, e sonham ser isto o máximo no seu sonambulismo. Despertai-os e eles irão abdicar do falso bom e saltar para o verdadeiro, deixando os governos para os funcionários e para as secretárias. Esta revolução será forjada pela domesticação gradual da ideia de Cultura. O principal empreendimento do mundo em busca de esplendor, de magnitude, é a construção de um homem. Os materiais aí estão espalhados pelo chão. A vida privada de um homem será uma monarquia mais ilustre, mais formidável para o seu inimigo, mais doce e serena na sua influência para o seu amigo do que qualquer reino na história. Porque um homem, visto como deve ser, compreende as naturezas particulares de todos os homens. Cada filósofo, cada bardo, cada ator apenas fez por mim, como um representante, o que posso um dia fazer por mim próprio. Esgotámos por completo os livros que outrora valorizámos mais do que a menina dos nossos olhos. O que é isso, senão dizer que alcançámos o ponto de vista que o espírito universal adquiriu através dos olhos de um escriba; fomos esse homem e passámos adiante. Primeiro uma; depois outra; drenamos todas as cisternas, e à medida que crescemos com toda essa provisão, ansiámos por alimento melhor e mais abundante. O homem que pode alimentar-nos para sempre nunca existiu. A mente humana não pode ser guardada como se de uma relíquia se tratasse numa pessoa disposta a criar uma barreira em qualquer um dos lados deste ilimitado e ilimitável império. É um fogo central, que, ora flamejando dos lábios do Etna, ilumina os cabos da Sicília, ora vindo de dentro da garganta do Vesúvio, ilumina as torres e as vinhas de Nápoles. É uma luz que irradia de mil estrelas. É uma alma que encoraja todos os homens.

Mas alonguei-me, talvez fastidiosamente, sobre esta abstração do Intelectual. Não devo demorar-me mais antes de acrescentar o que tenho a dizer mais diretamente a propósito do tempo presente e deste país.

Historicamente, pensa-se haver uma diferença nas ideias que predominam ao longo de épocas sucessivas, e existem dados para caracterizar o génio do Clássico, do Romântico, e agora da era Reflexiva ou Filosófica. Com os pontos de vista que expressei sobre a unicidade ou a identidade da mente em todos os indivíduos, não me ateno muito a essas diferenças. De facto, acredito que cada indivíduo passa por todas as três. O rapaz é um grego; o jovem, romântico; o adulto, reflexivo. Não nego, no entanto, que uma revolução na ideia principal pode ser notada de forma bastante distinta.

A nossa era é lamentada por ser a era da Introversão. Tem isso de ser um mal? Nós, ao que parece, somos críticos; envergonhamo-nos por reconsiderar; não conseguimos desfrutar de nada por ansiarmos saber em que consiste esse prazer; estamos revestidos de olhos; vemos com os pés; o tempo está contagiado com a infelicidade de Hamlet – “Esbatido sob o pálido tom do pensamento.”

É assim tão mau? A visão é a última coisa a ser lamentada. Preferíamos ser cegos? Será que reaceamos ver para além da natureza e de Deus, e de beber a verdade nua e crua? Vejo o descontentamento da classe literária como uma mera declaração do facto de que os seus membros não se encontram no estado de espírito dos seus pais, e lamentam o estado vindouro como algo não experimentado; assim como um rapaz teme a água antes de saber que pode nadar. A haver um período em que alguém desejaria ter nascido, não será na era da Revolução? Quando o velho e o novo se encontram lado a lado e admitem ser comparados? Quando as energias de todos os homens são escrutinadas pelo medo e pela esperança? Quando as glórias históricas da velha era podem ser compensadas pelas ricas possibilidades de uma nova? Este tempo, como todos os tempos, é muito bom se soubermos o que fazer com ele.

Interpreto com alegria alguns dos sinais auspiciosos de dias vindouros, que já cintilam através da poesia e das artes, da filosofia e da ciência, da Igreja e do Estado.

Um desses sinais é o facto de o mesmo movimento que realizou a promoção da que era apelidada como a mais baixa classe no Estado ter assumido na literatura um aspeto muito marcado e benigno. Em lugar do sublime e do belo, o próximo, o humilde, o vulgar, foi explorado e poetizado. O que havia sido negligentemente espezinhado por aqueles que se arreavam e abasteciam para grandes viagens em países distantes, é subitamente tido como mais rico do que todos os lugares estrangeiros. A literatura dos pobres, os sentimentos da criança, a filosofia da rua, o significado da vida doméstica, são os temas do momento. É um grande passo. É um sinal – ou não? – de novo vigor quando as extremidades são ativadas, quando correntes de vida quente correm para as mãos e para os pés. Não peço o grandioso, o

remoto, o romântico; o que se está fazer em Itália ou na Arábia; o que é arte grega, ou a arte dos menestréis provençais. Eu abraço o comum, exploro e sento-me aos pés do familiar, do humilde. Dai-me discernimento para o presente, e podereis ter o mundo antigo e o mundo futuro. Do que queremos saber realmente o significado? A refeição na marmita; o leite na panela; a balada na rua; as notícias do barco; o relance do olhar; a forma e o movimento do corpo – mostrai-me a razão última destas coisas; mostrai-me a sublime presença da mais elevada causa espiritual à espreita, como sempre espreita, nestes subúrbios e extremidades da natureza; deixai-me ver cada insignificância a eriçar-se com a polaridade que instantaneamente a enquadra numa lei eterna; e a loja, o arado, e o livro-diário remetidos para a mesma causa pela qual a luz ondula e os poetas cantam – e o mundo não é mais uma miscelânea enfadonha e um quarto de arrumos, mas possui forma e ordem; não há insignificância, não há enigma, mas um desígnio que une e anima o cume mais distante e a vala mais baixa.

Esta ideia inspirou o génio de Goldsmith, Burns, Cowper, e, em tempos mais recentes, de Goethe, Wordsworth e Carlyle. Esta ideia foi seguida por eles de formas diferentes e com sucessos vários. Em comparação com a as suas escritas, o estilo de Pope, Johnson, Gibbon, parece frio e pedante. Esta é uma escrita de sangue quente. O Homem surpreende-se ao descobrir que as coisas próximas não são menos belas e admiráveis do que as remotas. O próximo explica o distante. A gota é um pequeno oceano. Um homem está relacionado com toda a natureza. Esta perceção do valor do vulgar é frutífero em descobertas. Goethe, nesta questão o mais moderno entre os modernos, mostrou-nos, como nunca ninguém o fizera, o génio dos antigos.

Há um homem de génio, que fez muito por esta filosofia de vida, cujo valor literário não foi ainda devidamente apreciado; falo de Emanuel Swedenborg. O mais imaginativo dos homens, a escrever, no entanto, com a precisão de um matemático, empenhou-se em enxertar uma Ética puramente filosófica no Cristianismo popular da sua época. Uma tal tentativa deve, certamente, levantar dificuldades que nenhum génio pode superar. Mas ele viu e demonstrou a conexão entre a natureza e as afeições da alma. Penetrou no carácter emblemático ou espiritual do mundo visível, audível e tangível. Sobretudo, a sua musa amante da sombra pairou sobre as partes mais inferiores da natureza e interpretou-as; Swedenborg mostrou o elo misterioso que associa o mal moral às formas materiais repugnantes, e transmitiu em parábolas épicas uma teoria de insanidade, de bestas, de coisas polutas e temíveis.

Um outro sinal dos nossos tempos, também marcado por um movimento político análogo, é a nova importância dada à pessoa. Tudo o que tende a isolar o indivíduo –

a rodeá-lo de barreiras de respeito natural para que cada homem sinta que o mundo é seu, e para que o homem lide com o homem como um Estado soberano com um Estado soberano – tende para a verdadeira união assim como para a grandiosidade. “Aprendi”, disse o melancólico Pestalozzi, “que homem algum na vasta terra de Deus está disposto ou é capaz de ajudar qualquer outro homem.” A ajuda deve vir somente do coração. O intelectual é aquele homem que deve absorver em si mesmo toda a capacidade do tempo, todos os contributos do passado, todos as esperanças do futuro. Deve ser uma universidade de conhecimentos. A haver uma lição que deve captar a sua atenção mais do que outra será esta: o mundo não é nada, o homem é tudo; em ti está a lei de toda a natureza e ainda não sabes como uma gota de seiva ascende; em ti dormita a totalidade da Razão; cabe-te a ti saber tudo, cabe-te a ti ousar tudo. Senhor Presidente e meus senhores, esta confiança na insondada potência do homem pertence, por todos os motivos, por todas as profecias, por toda a preparação, ao Intelectual Americano. Já ouvimos durante demasiado tempo as musas cortesias da Europa. O espírito do homem livre americano já é suspeito de ser tímido, imitativo, domado. A avareza pública e privada tornam o ar que respiramos denso e pesado. O intelectual é honrado, indolente, compassivo. Vede já a trágica consequência. A mente deste país, ensinada a aspirar a objetos inferiores, alimenta-se de si mesma. Não há trabalho para ninguém exceto para o decoroso e para o compassivo. Jovens rapazes muitíssimo promissores, que iniciam a vida nas nossas terras, enfunados pelos ventos da montanha, iluminados por todas as estrelas de Deus, descobrem que a terra cá em baixo não está em harmonia com tudo isto – mas são desencorajados da ação pela repulsa que os princípios que regem os negócios inspiram e tornam-se escravos do trabalho, ou morrem de desgosto, alguns deles suicidam-se. Qual é o remédio? Eles ainda não viram, e milhares de jovens igualmente esperançosos, que se amontoam agora diante dos obstáculos das suas carreiras, ainda não veem que se o indivíduo se enraizar, de forma indomável, nos seus instintos, e aí persistir, o imenso mundo irá ter com ele. Paciência, paciência; com as sombras de todos os bons e grandes por companhia; e como consolo a perspectiva da vossa própria vida infinita; e, como trabalho, o estudo e a comunicação de princípios, tornar aqueles instintos prevalentes, a conversão do mundo. Não é a maior desgraça do mundo não ser uma unidade? Não ser considerado uma personagem? Não produzir aquela fruta peculiar que cada homem foi criado para conceber, mas ser considerado à grossa, à centena ou ao milhar, como sendo do grupo, da região a que pertencemos, e a nossa opinião ser geograficamente predita, como o Norte ou o Sul? Não, irmãos e amigos – se Deus quiser, os nossos não serão assim. Caminharemos pelos nossos próprios pés; trabalharemos com as nossa

próprias mãos; expressaremos as nossas próprias opiniões. O estudo das letras não mais será um nome para piedade, para dúvida e para indulgência sensual. O receio do homem e o amor do homem serão um muro de defesa e uma grinalda de alegria em redor de todos. Existirá pela primeira vez uma nação de homens, porque cada um se crê inspirado pela Alma Divina que inspira igualmente todos os homens.

¹ A Phi Beta Kappa, sociedade universitária do College William and Mary, foi fundada a 5 de dezembro de 1776 em Williamsburg, na Virgínia, com o objetivo de promover e defender a excelência nas artes e nas ciências. (N. T.)

² Guerreiros nórdicos que lutavam ferozmente (N. T.)